

MEMÓRIAS *HOMO-BIOGRÁFICAS* DA EXTERIORIDADE: SILVIANO SANTIAGO E AS SUAS/NOSSAS *MIL ROSAS ROUBADAS*

Homo-biográficas Memories of Exteriority: Silviano Santiago and His/Our *Mil Rosas Roubadas*

Memorias *Homo-biograficas* de la Exterioridad: Silviano Santiago y Sus/ Nuestras *Mil Rosas Roubadas*

Pedro Henrique Alves de Medeiros*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo (re)ler o romance *Mil rosas roubadas* (2014) de Silviano Santiago a partir, essencialmente, do conceito de memória não enquanto lembrança, mas como esquecimento. Para isso, me utilizo de uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na Crítica biográfica fronteiriça que, em linhas gerais, congrega tanto os Estudos Pós-coloniais quanto os Crítico-biográficos. Proponho, nesse sentido, trabalhar as discussões memorialísticas com base não no ato de lembrar, mas no de esquecer ao passo que me valho das minhas/nossas *Mil rosas roubadas* para ilustrar as reflexões corroboradas.

Palavras-chave: Silviano Santiago; *Mil rosas roubadas*; Crítica biográfica fronteiriça; Memória; Exterioridade.

Abstract: This work aims to (re)read Silviano Santiago's novel *Mil rosas roubadas* (2014) based, essentially, on the concept of memory not as a remind, but as forgetfulness. For this, I use an eminently bibliographical methodology based on the Frontier biographical critique, which, in general terms, brings together both Postcolonial Studies and Critical-biographical. I propose, in this sense, to work on memorialist discussions based not on the act of remembering, but on forgetting, while I use my/our *Mil rosas roubadas* to illustrate the corroborated reflections.

Keywords: Silviano Santiago; *Mil rosas roubadas*;

Introdução

A partir do lócus sul-fronteiriço, geoistórico e epistemológico o qual erijo minhas reflexões críticas, ensino, atravessado pela vida e obra de Silviano Santiago, debater acerca das concepções de memória por meio de alicerce teórico *outro*. Isto é, me valendo da teorização Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2013), afasto-me das perspectivas pré-concebidas de memória enquanto lembrança para me aproximar mais desta como esquecimento (AMARAL, 2000) (CORACINI, 2010). Ademais, sob o crivo das memórias e narrativas, ponto que discuto sobre e a partir de memórias *outras*, subalternas, fronteiriças e da exterioridade (NOLASCO, 2013).

Isto posto, utilizo o romance *Mil rosas roubadas* (2004), história de dois amigos-amantes: Zeca e Silviano, para evocar e trabalhar com a minhas

* Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

Frontier biographical critique; Memory; Exteriority.

Resúmen: El objetivo de este trabajo es (re)leer la novela de Silviano Santiago *Mil rosas robadas* (2014), basada esencialmente en el concepto de la memoria no como un recuerdo, sino como un olvido. Para ello, utilizo una metodología eminentemente bibliográfica basada en la crítica biográfica fronteriza, que, en términos generales, reúne a ambos estudios postcoloniales y crítica-biográfica. En este sentido, propongo trabajar en discusiones conmemorativas basadas no en el acto de recordar, sino en olvidar, mientras uso mis/ nuestras *Mil rosas robadas* para ilustrar las reflexiones corroboradas.

Palabras clave: Silviano Santiago; *Mil rosas robadas*; Crítica biográfica fronteriza. Memoria; Exterioridad.



memórias, com as de Silviano e, metamorfoseadas, com as nossas memórias *homo-biográficas*. O esquecimento, em meu fazer epistêmico, se dá como um ganho na medida em que compreendo a necessidade de (des)arquivar, exumar e invocar as histórias de sujeitos *homo-biográficos* excluídos pelas *narrativas universais patriarcais e heteronormativas*. Fundo um direito epistêmico da exterioridade para falar de mim por meio de Silviano, das nossas *Mil rosas robadas* e, essencialmente, de nós. Zeca, Silviano e eu fundamos uma tríade de amigos espectrais simbióticos os quais tentamos, discursivamente, tamponar as faltas uns dos outros.

Essa (con)vivialidade com a minha plêiade de amigos-espectros me assola e me faz sentir falta de um tempo que (não) vivi, de transpor do crivo da memória, da anamnese e do esquecimento para narração, uma história que, inicialmente, não me pertence(ia). Desse modo, esquecendo para lembrar, disserto, escre(vi)vo e narro de modo biográfico-frontereiro essas memórias roubadas daqueles autores que eu amo, pois, segundo Barthes: “O biografema [...] nada mais é do que uma anamnese factícia: aquela que eu atribuo ao[s] autor[es] que amo.” (BARTHES, 2003, p. 126, grifos meus). Herdo memórias sendo *fielmente infiel* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 11) surpreendendo suas falhas, faltas, vazios, brancos, margens e contradições.

Discussão

No prisma que concerne ao eu e ao outro, Adriana Amaral no ensaio “Sobre a memória em Jacques Derrida” (2000) discorre que a narrativa, a escritura e a própria ideia de multiplicidade de possibilidades são constituídas por traços. Esses traços (de)marcam suas presenças com ausências e, assim, há uma constante inauguração de um presente sempre renovável. A memória, por si, é algo que se dá estritamente no presente, ela nunca está voltada para o passado. (AMARAL, 2000, p. 31)

Amaral me elucida que a ideia de passado não existe nas reflexões de Derrida, ele é sempre uma narração que se funda no presente. Ademais, da mesma forma que o passado se aproxima, a perspectiva do outro é integrada a mim, eu a incorporo, tomo-a como minha. O nome, a memória e a escrevivência se colocam como responsáveis da presença do outro em mim (AMARAL, 2000, p. 35). Constituo-me de Silviano e de Zeca tal qual estes se constituem de mim. Evoco seus nomes e, por sua vez, suas figuras fantasmagóricas; através do exercício (des)arquiviolítico, (des)arquivo suas memórias incluindo-as em meu próprio arquivo da exterioridade e as inscrevo em meu corpo *homo-biográfico*, em minhas sensibilidades, em meu *bios* e em minha escrevivência alicerçada por memórias subalternas latinas (NOLASCO, 2013, p. 131) e, mais especificamente, sul-fronteiriças. No referente às minhas memórias sul-fronteiriças, Edgar César Nolasco no ensaio “Memórias subalternas latinas” (2013) me é necessário para articular que:

A memória subalterna, assim como as histórias locais da fronteira-Sul, precisam ser tomadas, cada vez mais, como uma “produção do conhecimento teórico”, crítico e epistemológico. [...] Todo o conhecimento e, por conseguinte, meu arquivo memorial vêm do fato de histórico de eu ter/estar nascido numa condição [...] de fronteira. Minha língua, como minha memória da fronteira, é *diversa*. (NOLASCO, 2013, p. 143)

Assim, me questiono quanto às teorizações que construo sobre a própria minha vida enquanto uma *intercorporeidade* (PESSANHA, 2018) desses *bios* outros os quais me debruço e me aproprio desejando tamponar as lacunas/faltas que os/me constituem. Como transpor essas memórias do lugar de suspensão/de esquecimento, transformando-as em narrativas dado que minhas articulações *homo-biográficas* não são nunca ingênuas e unicamente individuais.

Como escrever memórias (no sentido pleno da palavra) se o narrador delas é o recalque? *A perda fragmenta e multiplica os fragmentos até a expansão de cada um deles numa minibiografia*. A perda articula outras muitas infâncias discursivas, que nada mais são do que discursos autobiográficos [...] discursos mentirosos, ficcionais [...] (SANTIAGO, 2011, p. 177, grifos meus)

Poderia, eu, resguardado à minha condição de sujeito que pensa de um lócus subalterno e sul-fronteiriço crivado por uma subalternidade de homem-menino-fronteira me apropriar dessas memórias outras para constituir esses fragmentos da minha minibiografia ou, como diria Barthes, nos meus biografemas, pergunto-me. Maria José Coracini em “A memória em Derrida” (2010) me relembra que:

É importante compreender que, para Derrida, nem a memória individual é inocente, neutra, uma retomada da ordem intacta, pura, do acontecimento, em sua objetividade, ainda que esse acontecimento tenha sido vivido, presenciado, testemunhado... A memória será sempre interpretação, invenção, ficção que se constitui *a posteriori* do acontecimento, num momento que os outros já se cruzaram e fizeram história. Por essa razão, *a memória será sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa.* (CORACINI, 2010, p. 130, grifos meus)

Como mostra Coracini na passagem aposta, a memória é particularmente lacunar, faltosa, incompleta, verdadeira e, de maneira quase contraditória, também mentirosa. Partindo de um olhar pouco atencioso cindido ao trabalho que aqui ensejo, meu leitor poderia acreditar que eu estaria me valendo das minhas próprias memórias – faltosas e lacunares – para me debruçar sobre as memórias que *sobrevivem* o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano da ordem da escrevivência *homo-biográfica*. Contudo, o caminho que realizo se dá ao inverso: o mineiro me serve de pretexto epistêmico para que eu fale de mim, de nós.

Silviano não possui domínio integral de suas memórias, assim como não tenho o pleno poder sobre as minhas – nem poderíamos tê-los. Elas nos escapam, se escondem, se guardam e se mantêm em suspensão. Logo, através do estabelecimento de pontes metafóricas por meio da crítica biográfica (SOUZA, 2002), entendo que há um imbricamento de nossas memórias as quais presentifico em uma possibilidade de escrevivência ensaística-sul-fronteiriça *homo-biográfica*. Roubo suas memórias (des)arquivando-as. Sou o guardião dessa(s) *arkhê(s)*. Aliás, metaforicamente, não há como roubar aquilo que já é meu/nosso e, como explicitou magistralmente Jorge Luis Borges, *só podemos dar aquilo que já demos, só podemos dar o que já é do outro.* (BORGES, 1999, p. 511)

Isto posto, Silviano só pode me dar as memórias que já são minhas e eu só posso lhe dar as memórias que já são suas. Ainda na esteira de Coracini, entendo que *a memória é um construto ilimitado de espectros, espíritos e fantasmas, de biografemas de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que corroboram com a construção dos nossos arquivos conforme o papel de cada um em nossa vida.* (CORACINI, 2010, p.129) Há, portanto, uma criação de uma rede de fios emaranhados que se misturam, se confundem, se completam, se distanciam e que permanecem no nosso inconsciente. *Mil rosas roubadas elucidam:*

A memória do perseguidor-perseguido não é gratuita, é útil para o relato biográfico. Tão útil quanto à memória do canivete com que o corpo se autoflagela. É tão útil quanto a muleta que faculta ao aleijado a caminhada por conta própria. Mato a cobra e mostro o pau, eis como a biografia funciona. *Com a ajuda da memória do perseguidor-perseguido abro buracos na análise que faço da índole do amigo e os recubro.* Quando me bate o cansaço de escrever, volto os olhos para a memória do canivete que flagela, e os buracos tapados no texto reganham a proporção de vazio indesejável. Para reganhar o galeio da escrita, decido recobri-los de novo. (SANTIAGO, 2014, p. 148, grifos meus)

A memória se funda em esquecimentos, em recalques e repressões dado que não se faz possível a volta inocente às origens dos acontecimentos, pois ao tentarmos reconstruir um fato, este já se (trans)formou (CORACINI, 2010, p. 134). Lembrar implica esquecer. Selecionar supõe excluir. A memória, portanto, está sempre para o que está em suspenso no inconsciente e nunca para a lembrança. A questão de narrar uma memória se torna ainda mais complicada quando o “alvo” da escrevivência afeta nosso sensível, como Zeca delineado por Silviano. Intermediados por uma admiração latente e um desejo de presença, Silviano e eu inventamos nossos espectros, ficcionalizamos nossas memórias e sobrevivemos a partir da vida para além da própria vida. A minha sobrevida e a de Silviano não são apenas o que nos resta, mas nossa vida sendo o mais intensa possível (DERRIDA, 2004, p. 17). *Mil rosas roubadas* me acalentam:

Armado pela admiração, ou seja, cego de um olho e vesgo do outro, não posso enxergá-lo tal como ele foi (existiu, sofreu, amou, trabalho...) ao se alimentar e se fortalecer para construir as décadas finais de sua própria vida. [...] Todo biográfico não será monstruoso por definição? *Cada um ao seu jeito, não será cego de um olho e estrábico do outro? Não enxerga o que pode, não reproduz o que quer e não engendra só o que é conveniente?* (SANTIAGO, 2014, p. 24, grifos meus)

Diante disso, abalizado pela teorização da memória, entendo que ainda que o narrador do fragmento supracitado desejasse, não poderia jamais narrar o amigo de maneira *sine que non* como este fora. O outro existe para nós sempre a partir da imagem que criamos dele. Nesse sentido, reflito e compreendo que toda escrita de caráter biográfico possui uma visada monstruosa que a compreende. O biógrafo, e aqui neste caso, eu enquanto crítico-biográfico fronteiriço, escrevo a partir das minhas sensibilidades, da minha escrevivência, das minhas memórias sul-fronteiriças e *homo-biográficas* faltosas, incompletas e falhas.

Valho-me das memórias de Silviano e, por sua vez, de suas narrativas como modo de tentar suprir minhas faltas e construir meus biografemas escrevíveis *homo-biográficos*. Tento me completar, lidar com o meu mal, com as perdas, sob o alicerce *homo-bio-ficcional* de Silviano. Com isso, entendo que as memórias que tomo de Silviano me servem para que eu escreva a biografia que me pertence não

me pertencendo sob a pluma dos meus/nossos fragmentos biográficos, minhas/nossas minibiografias, ou melhor, *à lá* Barthes, meus/nossos biografemas:

d) a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), conceito que responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato da vida como registro de fidelidade e autocontrole; (SOUZA, 2002, p. 133)

Desse modo, corroboro tal qual a memória, que uma biografia escrita sob o manto de uma totalidade ou completude se faz impossível. O ato de escrever em si já tenciona a seleção desde estruturas fonéticas até as discursivas, ao passo que opto por algumas, desconsidero outras. Ao escre(vi)ver uma *(auto)biografia ensaística sul-fronteiriça*, sob o crivo da memória e, por sua vez, da narrativa, conseqüentemente privilegio alguns acontecimentos – reais ou não – em detrimento a outros que julgo de menor importância. De forma semelhante à citação anterior do *Mil rosas roubadas*, os atos de narrar e biografar são monstruosos por excelência na medida em que implicam sempre a óptica daquele que escre(vi)ve.

No meu caso, evoco os espectros que me ajudam melhor a compreender minha empreitada epistêmica, vivo minha vida para além da vida e da morte e, na medida do possível, tampono minhas lacunas memorialísticas sob a alcunha de uma herança, de uma declaração amorosa, mas também política. Proponho, tal qual Italo Moriconi em “O espectro de Foucault” (2005), uma conversa com espectros (MORICONI, 2005, p. 47), um ensaio fronteiriço de evocação e invocação inspirado pela herança de todos aqueles intelectuais que me vali. Meus espectros são meus espelhos. (MORICONI, 2005, p. 48)

Arrolo em meu exercício escreviente uma série de impressões que, como quer Moriconi, poderiam ser um punhado de ficções. Ficções estas que alimentam as relações metafóricas entre vida e obra que aqui descortino. Conforme Jacques Derrida explicita em *Otobiografias: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio* (2009), vivo do meu próprio crédito que abro e concedo a mim mesmo (DERRIDA, 2009, p. 36). Todavia, ao roubar o que, *a priori*, seriam memórias outras, tomo-as e escre(vi)vo-as a partir do nosso próprio crédito fundamentado em uma óptica *homo-biográfica* por excelência. Somos o que somos porque nos tornamos um e, nesse tocante, Moriconi ao escrever sobre Foucault pontua:

Toda biografia é mitografia. Toda biografia é autobiografia do narrador. Lerescrever [sic] a vida do outro spectral pode ser, deve ser, efetivamente é, exercitar-se numa escrita de si, releitura de si. As biografias de Foucault. Delas ressalta o caráter de signo autobiográfico inerente a toda história intelectual (auto-reflexionada, auto-distanciada) de uma vidaobra [sic]. Minha formação: minha auto-reflexão na relação especular com o signo-a-si desta vidaobra [sic]. (MORICONI, 2005, p. 52)

A vida de Silviano (re)articulada sob a minha perspectiva de crítico biográfico fronteiriço que habita a fronteira-sul, um arquivo vivo e aberto (NOLASCO, 2013, p. 136), é dada como uma escrita/releitura de mim. Para Moriconi, eu assumo o papel de narrador dessa vida outra. Entretanto, para o viés epistêmico o qual me assento, minha posição está para além de narrador, eu assumo essa vida, roubo-a, tomo-a para mim e me metamorfoseio a partir dela, transformando-a. Entendo, portanto, que só me valendo de uma teorização acerca da memória e narrativa posso lidar com essa herança espectral que me habita.

Sob a luz da concepção de que as nossas memórias são de caráter *homo-biográfico* e, por sua vez, da exterioridade, Nolasco em “Memórias subalternas da crítica latina” (2013), me lembra que é da competência do estudioso *abrir o arquivo oprimido para que as memórias esquecidas saiam do esquecimento e ocupem seu lugar de direito. Em uma situação de desconforto quanto ao arquivo que sofre do seu próprio mal, é de dever do crítico tomado pelo mal procurar o arquivo onde ele se esconde.* (NOLASCO, 2013, p. 142) Reitero que as memórias *homo-biográficas* as quais tento (des)arquivar, partindo da posição de (des)arconte fronteiriço, habitam a contracorrente da tradição ocidental moderna e patriarcal.

Sentimos *a diferença colonial* em nossos próprios corpos *homo-biográficos*, uma vez que experienciamos a fronteira em nossa pele (NOLASCO, 2013, p. 134) e em nossa escrevivência. Essa condição sul-fronteiriça aquilata nossa língua, pensamento, modo de construir conhecimento e, sobretudo, de (r)existir *homo-biograficamente*. Partindo do pressuposto *homo-bio-ficcional* de Silviano, ensejo (des)arquivar nossas memórias esfumadas pela tradição heteronormativa/moderna que sempre angariou a exclusão de nossos corpos, memórias e narrativas. Por isso, reforço que:

[...] as memórias subalternas vivem em estado de *infans* permanente, até o momento em que uma perspectiva subalterna as reinsira na discussão história do presente por meio de uma epistemologia outra. É por isso que as histórias locais, bem como a identidade possível das memórias subalternas, só podem ser narradas/inventadas da perspectiva de uma epistemologia outra e nunca da epistemologia moderna. (NOLASCO, 2013, p. 138)

De modo que falamos, pensamos, sentimos e existimos a partir de um biolocus geoistórico, epistemológico, subalterno e fronteiriço crivados em uma epistemologia de caráter outro, entendemos que nossas memórias são aquelas descoloniais que *sobrevivem* enquanto uma prática *que se erige da vida* (NOLASCO, 2013, p. 139), da nossa condição de exterioridade, do *Fora*. Às nossas memórias *homo-biográficas* jamais foi dada a devida consideração no sentido de considerá-las enquanto uma narrativa também válida e necessária. Em mim/em nós, há um desejo de *des-encobrir* (NOLASCO, 2013, p. 140), (des)arquivar, essas escrevivências enterradas pela modernidade colonial.

Dirijo-me a Silviano com um desejo compulsivo de (des)arquivar sua/nossa vida e de narrar suas/nossas memórias subalternas. Aprendo a desaprender a vida de Silviano na tentativa de reaprender a minha própria vida. Habito e sou habitado por fronteiras em meu fazer epistêmico. Ademais, há demasiados limiares outros que o projeto *homo-bio-ficcional* de Silviano me impõe, a citar: vida/obra, vida/morte, lembrar/esquecer, memória/narrativa etc. As fronteiras atravessam meu corpo empírico/discursivo-epistêmico e são átimos de tempo onde se situam o esquecer e o lembrar permeados por um gesto anamnético autobiográfico. Assim:

[...] compete ao estudioso dessas pós-memórias subalternas visar abrir o arquivo oprimido para que tais memórias saiam de seu letárgico esquecimento e ocupem seu lugar de direito na cultura do presente. Em situação tão desconfortável quanto ao arquivo que sofre de seu próprio mal, sobra ao intelectual tomado pelo mal (antes apenas historiador “procurar o arquivo onde ele se esconde. [...] então posso concluir que [...] todos os lugares, todas as fronteiras, *inventam suas memórias de vida, suas memórias de morte, suas memórias de sobrevida*. As memórias da fronteira sobrevivem à sua própria condição. De seus restos, constroem um sentido possível para o que estou chamando de fronteira e de memórias e histórias subalternas. (NOLASCO, 2013, p. 142)

Nesse sentido, reitero sob a égide do pensamento de Adriana Amaral que *nada está pronto, tudo está sempre se fazendo, sempre a vir, a vida, o tempo*. (AMARAL, 2000, p. 42) A cada fronteira que transpasso no jardim de veredas memorialísticas que se bifurcam nas relações entre vida/obra de Silviano e entre minha própria vida/escrita, mais me vejo como (des)arconte fronteiro dessas memórias que me pertencem não me pertencendo ou vice-versa. No romance, Silviano se viu frente a uma necessidade de memória, de narrativa e de herança que, *a priori*, não seriam de sua incumbência – pelo fato de Zeca ser, inicialmente, seu biógrafo e não o biografado.

Desvirtuando a lógica narrativa do romance (biógrafo/biografado), eu construo essa incumbência (auto)biográfica e essas memórias, invento-as, tomo-as para mim sem pedir licença. Crivado, sobretudo na diferença, mas longinquamente semelhante ao professor de História do romance, alicerçado pela necessidade de memória de manter a herança que construí viva, dedico minha vida a escre(vi)ver não sobre a vida do outro, mas a *partir da* vida do outro que, caso um olhar mais sensível e profundo repouse-lhe os olhos, verá que, de certo modo, também é minha vida. *Mil rosas roubadas* me irrompem:

Só se capacita para ser biógrafo aquele que arroga a si – por capricho e autoritariamente – o direito à última palavra. A escrita biográfica não comporta balbúcio nem titubeio. Seu exercício flui naturalmente do próprio sangue de quem escreve. Inunda o coração, deságua na mente e, ao bater à porta das teclas do computador, já delegou às mãos o direito ao julgamento peremptório. (SANTIAGO, 2014, p. 67)

No que concerne ao entrelaçamento das nossas vidas, deleguei a mim enquanto crítico biográfico fronteiriço fundamentado em uma herança que me foi dada e construída, o direito epistêmico de, através das minhas teorizações, deter uma última palavra, mesmo que provisória, à minha relação dividual com Silviano e, conseqüentemente, com seu projeto *homo-bio-ficcional*. Parafraseando a obra de Frantz Fanon, *Condenados da terra* (2006), entendo e aquilato a imagem espectral do meu Silviano enquanto um *condenado da memória*. O mineiro está preso na *rede de fios emaranhados* (CORACINI, 2010, p. 129) que constitui a memória e se vale desta como mote para *sobreviver* e escre(vi)ver. A memória nunca é algo resolvível em seu projeto *homo-bio-ficcional*, tornando-o seu escravo. Silviano trai, blefa e falsifica ao trabalhar com a memória. Em entrevista para a revista mineira “Olympio” (2018), Silviano explicita:

[...] entendo a memória como organismo vivo que, ao se renovar a cada instante de vida ou de sono, se alimenta dela própria, salientando primitivos e outros significados para as antigas experiências. A memória é escrita e leitura, é releitura consciente e inconsciente, e nova escrita. A memória é ‘diário’ em moto contínuo. Ela se lê e se relê e se reescreve a cada hora que passa. A memória só para na sua morte, quando é delegada a outrem, um romancista por exemplo. [...] Eis-me às voltas com a volumosa escrita da minha memória nas memórias minhas que escrevo. Eis-me às voltas com as várias camadas superpostas da escrita da minha memória. Serei um escriba à altura delas? Desafio, ousadia e temor. (SANTIAGO, 2018, p. 43)

Silviano expõe a possibilidade de delegação da memória a outrem e cita a figura do romancista como exemplo. Apesar de não conter “romancista” em minha biografia, delego a mim, sob o crivo do papel crítico biográfico fronteiriço herdeiro, as memórias e a vida desse, *a priori*, indivíduo, metamorfoseado em um nós espectral. Suponho saber sobre a vida de Silviano e, por sua vez, me encontro frente à minha própria vida de homem-menino-fronteira *homo-biográfico*. Diante disso, Elisabeth Roudinesco em “Escolher sua herança” (2004) expõe que *escolher a herança não quer dizer nem aceitar tudo, nem fazer tábula rasa*. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 09)

Partindo do pressuposto da herança, da memória e da *escrita de si*, Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro* (2012) corrobora que *a memória não é mais um dispositivo de conservação de valores de classe, mas uma forma de testemunho e legado de uma geração atravessada por projetos de mudanças de valores*. (KLINGER, 2012, p. 21) É justamente a partir desse interstício crítico que falo como herdeiro de Silviano, de mim, de nós. Estamos inseridos em uma trama de relações sociais que fundamenta a nossa escrevivência *para um além de mim mesmo*. (KLINGER, 2012, p. 21) Não possibilito pensar em um *eu sozinho*, somos sempre constituídos de muitos outros.

Por isso, como Derrida corrobora, a herança se assemelha à uma eleição, à uma seleção e à uma decisão. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2013, p. 13) Penso a minha vida a partir dessa herança e não seu oposto. Construo meu Silviano espectral a partir de uma herança que foi me dada, vivo nossa vida (sobrevida) para além da própria vida ou, quiçá, um dia, da morte. Escolho preservar essa herança viva. Declaro a admiração, a dívida, o reconhecimento e a necessidade de ser *sempre fielmente infiel*. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2013, p. 14) Fundo-me em uma dívida dupla: sou responsável por aquilo que veio anterior a mim, mas, sobretudo, pelo que é da ordem do porvir. Herdar não quer dizer jamais uma incorporação cega, mas ser amigo-inimigo habitando a boa distância (política). Derrida endossa:

Seria preciso pensar a vida a partir da herança, e não o contrário. Seria preciso portanto partir dessa contradição formal e aparente entre a passividade da recepção e a decisão de dizer 'sim', depois selecionar, filtrar, interpretar, portanto transformar, não deixar intacto, incólume, não deixar *salvo* aquilo mesmo que se diz respeitar antes de tudo. E depois de tudo. Não deixar a salvo: salvar, talvez, ainda, por algum tempo, mas sem ilusão quanto a uma salvação final. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2013, p. 13)

Ao passo que opto por preservar essa herança mineira viva também sou escolhido por ela. Trato-a demoradamente, opto por vivê-la fundando uma declaração amorosa da minha parte enquanto crítico *homo-biográfico*, há inscrita em meu corpo, discurso e sensibilidade uma dívida impagável e um reconhecimento (NOLASCO, 2010, p. 37) *homo-bio-ficcional*. Há um desejo, uma sobrevivida e uma transferência latentes entre o meu corpo *homo-biográfico* e o de Silviano o qual realizamos as ambivalências de escolhermos e sermos escolhidos. Imagino saber sobre/a partir da vida de Silviano na mesma medida em que, metaforicamente, seu espectro também me imagina.

No que se refere à minha inscrição no trato crítico-biográfico de Silviano e o meu roubo quase que consentido, haja vista minha posição de herdeiro, Denilson Lopes explicita: “Para ampliar a afetividade no ato da pesquisa é necessário repensar o ato de escrita e sua relação com o sujeito pesquisador.” (LOPES *apud* KLINGER, 2012, p. 13). Proponho uma articulação biográfico-fronteiriça o qual me valho de um gesto *canibalizador, intercorporal*, sendo um-no-outro, *ontologista do íntimo*, que *rouba os relatos alheios* (PESSANHA, 2018, p. 33), não só os de Silviano, mas de todos aqueles que já li e herdei. Parafraseando Juliano Garcia Pessanha, coloco-me na posição de um *ladroão de relatos e de histórias, realizo mergulhos simbióticos na tentativa de ganhar um eu*. (PESSANHA, 2018, p. 95) É sendo o outro e eu mesmo que me vejo enquanto pesquisador *homo-biográfico* tendo como o núcleo do meu narrável, das minhas memórias e autobiografia, a minha/nossa *transformação*. (KLINGER, 2012, p. 15)

Para Ricardo Piglia em *O laboratório do escritor* (1994), a crítica é uma espécie de autobiografia (PIGLIA, 1994), não há como falar do outro sem passarmos por nós mesmos, tal qual *Mil rosas roubadas* explicitam ao Silviano falar de si através de Zeca. Silviano é um pretexto para que eu recaia na minha própria história/narrativa *homo-biográfica*. Nesse contexto, Klinger ressalta que a *escrita de si* (KLINGER, 2012, p. 19) desponta como um sintoma do final do século e não é uma novidade para a literatura latino-americana, pelo contrário, sempre teve esse traço forte e marcado. Tomo *emprestadas as feridas e as dores* (PESSANHA, 2018, p. 20) de Silviano para me compreender e escre(vi)ver a partir da fronteira-sul que habito e sou habitado. Em *Mil rosas roubadas*, Silviano expõe o incômodo de falar do outro/de si:

[...] a busca de objetividade só é insuspeita por parte de quem a escreve. A opção (inconsciente? presunçosa? deletéria? – apostem suas fichas, senhores e senhoras) pela subjetividade realça apenas a sinceridade, ou a autenticidade do relato autobiográfico que este historiador assina como biográfico. Confesso. O relato que leem pouco alimenta a arte da biografia, cujos parâmetros de confiabilidade estão no ato de escritor se deixar armar e se desdobrar em dois e em muitos pela vontade de retratar o outro na sua singularidade. [...] É meu DNA que corre pelas veias do biógrafo. Meu saber acumulado é que faz o rosto dele brilhar na folha de papel. (SANTIAGO, 2014, p. 141-142)

Conclusão

Retiro, portanto, na tentativa de uma possível conclusão dessa reflexão, qualquer traço do privado e exponho meus desejos e faltas de crítico biográfico fronteiriço atravessado pela condição de *sujeito suposto saber* sobre a vida do outro que, no fim, resvala na minha própria vida: “[...] o que ele descobre [crítico biográfico] e interpreta na vida do outro é [...] algo que o crítico dessa natureza quer e precisa dizer.” (NOLASCO, 2010, p. 40). Interpelo as memórias de Silviano através da minha posição de herdeiro como tentativa de no fim, encontrar-me com as minhas próprias memórias e, essencialmente, comigo mesmo: homem-menino-fronteira, *homo-biográfico* e escreviente atravessado pela falta, pelo desejo e pela transferência.

Referências

- AMARAL, Adriana Cörner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 31-43.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo, 2003.
- BORGES, Jorge Luis Borges. *Os conjurados*. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*: volume 3. São Paulo: Globo, 1999. p. 511-563.
- CORACINI, Maria José. Memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. *Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica*, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 125-136, 2010.

- DERRIDA, Jacques. Estou em guerra contra mim mesmo. *Revista Margens/Márgenes: Revista de Cultura*, Belo Horizonte, v. 01, n. 05, p. 01-06, 2014.
- DERRIDA, Jacques. *Otobiografias: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre próprio*. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Escolher sua herança. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 09-31.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscara brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- MORICONI, Italo. O espectro de Foucault. *Revista Margens/Márgenes: Revista de Cultura*, Belo Horizonte, v. 01, n. 06/07, p. 01-12, 2005.
- NOLASCO, Edgar César. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. p. 131-159.
- NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. *Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica*, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 35-50, 2010.
- PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Editora UBU, 2018.
- PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. 'Nunca aprendi a fazer versos'. In: COELHO, Frederico (Org.). *Encontros: Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011. p. 166-193.
- SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SANTIAGO, Silviano. Silviano, o equilibrista. *Olympio: literatura e arte*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 36-50, 2018.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.